

**outros começos,  
[de dentro da câmara anecoica]**

(outubro de 2018)

apressada, afobada, arfante.

o tempo parece um espaço de aperto, um túnel, corredor, uma perna de calça (existem dias dentro de uma perna de calça).

o tempo daquela escuta se alastra entre os silêncios dos dias seguintes

percebo um encontro entre corpo e silêncio.

acinzento os barulhos externos.

**estou dissonante àquele silêncio cinza.**

(nuvem pendurada no ar, silêncio flutuando)

**de fato escutei o vazio?**

ou estaria meu ouvido anestesiado?

bloqueado pelas espessas massas sonoras habituais que me distanciam do sensível?

haveriam nuances de som na câmara?

conseguiria escutar a sutileza dos silêncios obtendo somente um ouvido despreparado, inexperiente aos espaços vazios?

há uma relação entre a pausa, a distância e o silêncio caindo (como a noite ou o sereno, caindo sobre o corpo, sobre o pulso acelerado, sobre o pensamento-linguagem que mingua, aos poucos).

o silêncio abre uma fresta para dentro do corpo, uma escuta para dentro (abafadores), mas o silêncio parece desapertar um pouco o corpo, abrindo (quem sabe), mais espaço entre as moléculas, entre o sangue e suas velocidades.

**suspensa, distanciando-me do pronome que me conjuga ruídos.**

suspendo-me, distante, até chegar a altura do verbo que observa a quem conjuga ruídos.

suspensa, distante, apenas observo.

silêncio.

escuto a sobrevivência do silêncio nos dias seguintes:

– até hoje lembro ou tento lembrar

– o alastramento desse silêncio pode ser um alongamento de memória sonora

– pausa silenciando (antes dos dias)

– descontínuos e separados por um abismo de ecos insonoros.

– a voz rebatia nas paredes internas e soava como um vaso de argila queimado.

– a tendência era de se falar baixo.

– nossas vozes evaporavam nas espumas